

PROSÓDIA E ORDEM DAS PALAVRAS: O CASO DOS ADVÉRBIOS DITOS MONOSSILÁBICOS ÁTONOS

Maria Cristina Figueiredo Silva

Flávio Martins de Araújo¹

llv1mcf@cce.ufsc.br

flaviomartinsufsc@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho trata da interface sintaxe-prosódia, examinando o comportamento dos advérbios monossilábicos átonos em diferentes construções: quando o complemento é foco informacional da sentença ou quando o foco informacional recai sobre o adjunto (que é o advérbio). A estas duas realidades discursivas, é possível em princípio que correspondam duas realidades sintático-prosódicas: uma mudança na ordem destes elementos na sentença, de modo que o elemento que é foco ocupe a posição final da frase; ou uma mudança na entoação da sentença, de modo que o acento se distribua diferentemente, enquanto a sintaxe permanece idêntica:

- (1) a. (— *Que língua o João fala bem?*)
— O João fala bem inglês.
— O João fala inglês bem.
- b. (— *Como que o João fala inglês?*)
— O João fala inglês bem.
— O João fala bem inglês

Na literatura se encontram diferentes análises para este fenômeno: uma delas entende que a distribuição desses advérbios justifica uma relação mais íntima entre sintaxe e prosódia (como advoga Costa 1998), de modo que a manutenção do foco em posição de acento força o movimento sintático dos elementos; uma outra análise, ao contrário, defende uma maior autonomia da prosódia frente à sintaxe (como em Menuzzi & Miotto 2006). O presente estudo procura evidências experimentais (especificamente no exame da curva de *pitch*) que possam decidir entre uma análise ou outra.

PALAVRAS-CHAVE: advérbios monossilábicos átonos; prosódia; sintaxe.

¹ O primeiro autor é professor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e bolsista PQ do CNPq, processo número 312303/2006-8. O segundo autor atualmente é mestrando na Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mas quando efetuou a pesquisa era bolsista IC-CNPq, bolsa de balcão, processo número 111289/2004-1.

INTRODUÇÃO

Este estudo procura apresentar evidência empírica que ajude a decidir em favor de um determinado tratamento teórico para a questão da interface entre a sintaxe e a prosódia, pelo menos no caso das sentenças que apresentam advérbios monossilábicos (ditos) átonos (doravante AdvMA) como *bem* ou *mal*. O ponto de partida da discussão é o trabalho de Costa (1998), que defende uma relação bastante estreita entre a prosódia e a sintaxe. Adotando a proposta de Cinque (1993), Costa (1998) hipotetiza que a distribuição de acento sentencial depende fundamentalmente das possibilidades da sintaxe: se a gramática pode gerar a configuração pertinente para que o acento seja atribuído de maneira usual e ainda assim se coloque sobre o constituinte que é foco (informacional) da sentença, então cumpre à sintaxe distribuir seus constituintes segundo esta determinação.

Esta posição não é endossada por todos os estudiosos. Há autores, como Menuzzi & Miotto (2006) que, na esteira do pensamento de Nespor & Vogel (1986), defendem uma relação bem mais frouxa entre a sintaxe e a prosódia, de modo que as regras de atribuição de acento e de constituição dos domínios prosódicos sejam apenas indiretamente determinadas pela sintaxe. Assim, se um dado constituinte, por razões discursivas, deve receber o acento sentencial, é perfeitamente possível que nenhuma operação sintática seja realizada; o que é certo é que a fonologia da língua se encarregará de fazer certos ajustes na estrutura prosódica, de modo a fornecer uma estrutura consistente com os requisitos da língua e capaz de veicular a interpretação desejada.

O presente trabalho procura trazer alguma evidência empírica para esta discussão, avaliando a posição dos advérbios monossilábicos ditos átonos em PB, como *bem* ou *mal*. Sabe-se que estes advérbios podem ocupar duas posições na sentença: entre o verbo e o complemento, como em (1a), ou a posição final da frase, depois do complemento, como em (1b):

- (1) a. O Mário fala bem francês
- b. O Mário fala francês bem

Sabemos, no entanto, que estas duas ordens não são exatamente sinônimas: a literatura que trata da interface entre fonologia (métrica) e discurso parece estar de

acordo em reservar o lugar do acento sentencial para o constituinte que é focalizado, e em línguas como o português esta é a posição final da sentença. Assim, a sentença (1a) é apropriadamente usada quando o foco informacional é o complemento – por exemplo, quando responde a uma questão do tipo *que língua o Mário fala bem?* – ao passo que (1b) é mais adequada quando é o adjunto que deve ser interpretado como foco informacional – caso em que a sentença é usada como resposta para uma pergunta do tipo *como o Mário fala francês?*

Ainda que estejamos frente a uma simplificação (talvez excessiva, como veremos) do que efetivamente acontece quando o falante pode escolher a ordem de palavras que quer usar, parece bastante intuitivo este tratamento dos fatos. A questão que se coloca para este trabalho é: dado que os autores na área defendem diferentes modos de obter as ordens e/ou padrões acentuais que aparecem em (1), que tipo de evidência empírica poderia fazer pesar a balança por uma ou outra das análises?

Este trabalho se estrutura da seguinte maneira: a seção 1 apresenta em algum detalhe o trabalho dos autores citados acima. A seção 2 faz uma breve digressão sobre a contribuição que a fonética acústica e a fonologia entoacional podem trazer para o debate, um passo necessário para que o leitor esteja em condições de avaliar, na seção 3, o tipo de experimento que será levado a cabo no presente trabalho. A última seção apresenta os resultados obtidos no experimento e extrai algumas conclusões com respeito à discussão colocada na primeira seção.

1. O PROBLEMA

Talvez seja conveniente começar a discussão pelo estatuto dos advérbios monossilábicos, que são efetivamente tomados como átonos por Costa (1998) para o português europeu (doravante PE), mas analisados como tônicos por Menuzzi & Miotto (2006) no PB. Que se trata de um elemento monossilábico parece indiscutível, mesmo que esta seja uma sílaba pesada – no caso de *bem*, uma sílaba que comporta não apenas a nasalização mas também a ditongação, pelo menos num conjunto importante de dialetos do PB. A parte realmente questionável é se estes são de fato não acentuados.

Esta questão pode parecer menor, mas o fato concreto é que, se efetivamente a diferença lexical em termos de acento é relevante para distinguir o PE do PB neste caso em específico, talvez não haja discussão: os autores não estão fazendo afirmações

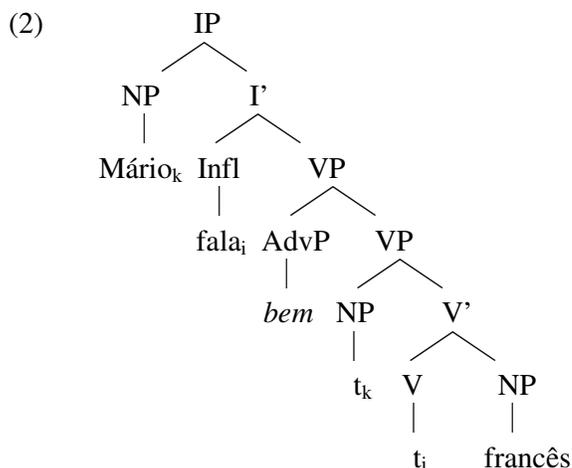
distintas sobre o mesmo elemento, mas estão falando sobre elementos distintos, com propriedades de distribuição distintas e assim não há disputa entre eles. Vamos aqui simplesmente observar que, se se admite para eles algum tipo de acento, é necessário diferenciá-lo do acento que recebem advérbios como *já* ou *lá*, estes sim, claramente tônicos – e com propriedades de distribuição diferentes. E para não postular a existência de uma classe intermediária de acentuação para *bem* e *mal* defenderemos que eles são fundamentalmente átonos e que, portanto, há sim uma questão a ser resolvida.

Tomada esta primeira decisão, podemos passar à discussão das hipóteses em confronto.

1.1 O TRATAMENTO DE COSTA (1998)

Cinque (1993), numa interpretação bastante sintática da fonologia métrica, hipotetiza que o acento sentencial é atribuído ao elemento passível de receber acentuação que estiver na posição mais encaixada da sentença, do lado recursivo da língua. Porém, há um problema com esta hipótese, que foi levantado por Cinque (1995, *apud* Costa, 1998: 102): o AdvMA, por não ter peso fonológico suficiente, não poderia figurar na posição final da sentença e, exatamente por ser átono, não poderia carregar o acento frasal. No entanto, não é isso o que se observa empiricamente: em certos casos, o advérbio em posição final, recebendo portanto o acento sentencial, dá lugar a uma sentença perfeitamente gramatical, como vimos em (1b) acima.

A hipótese de Costa (1998) para explicar esse fato começa supondo que os advérbios baixos, dentre os quais os AdvMA, têm como posição de base a posição de adjunção à esquerda do VP, e não a posição de adjunção à direita, como suposto anteriormente. Para Costa, a representação frasal relevante pode ser vista em (2) abaixo:



Se a representação de base é esta, o AdvMA vai estar sempre precedendo todo material que estiver dentro do VP. Apenas quando houver movimento de todos os elementos para fora do VP o AdvMA vai figurar em posição final. Para Costa, este é um caso de interação existente entre a sintaxe, o discurso e a prosódia.

Dada uma situação discursiva na qual a informação nova é veiculada pelo advérbio – por exemplo, no contexto de uma pergunta do tipo *como é que o Mário fala francês?* –, é sobre o advérbio que deve cair o acento sentencial. Para Costa, essa é a única situação em que o AdvMA pode figurar em posição final da frase. No entanto, a configuração final que se vê em (1b) é obtida não por movimento do advérbio para a direita (já que, por hipótese, os advérbios não se movem), mas por movimento do verbo e do objeto para a esquerda. Assim, a regra de distribuição de acento sentencial coloca sobre o advérbio o último asterisco de acento. Observe que, se esse é o caso, existe pelo menos um movimento na sintaxe, o do objeto, que se faria por razões de interface: para que o elemento que é o foco informacional da sentença ocupe a posição de acento sentencial.

Se esta é a análise para o AdvMA em posição final, deve haver alguma evidência empírica que mostre que o objeto não está na posição interna ao VP. Os argumentos de Costa (1998) para o português europeu (doravante PE) são os seguintes: (a) a possibilidade de *parasitic gaps* quando o objeto precede o advérbio, mas sua impossibilidade quando o objeto segue o advérbio e (b) a impossibilidade de *scrambling* de *small clauses* e APs predicativos por sobre o advérbio.

Vamos examinar detidamente esses argumentos. Começemos pelo par de exemplos em (3):

- (3) *Parasitic Gaps* (exemplos tomados de Costa, 1998: 160)
- a. ?O Paulo conhece a Maria bem mesmo sem nunca ter visto ___.
 - b. *O Paulo conhece bem a Maria mesmo sem nunca ter visto ___.

Parasitic gaps são lacunas em princípio agramaticais, mas que são legitimadas pela relação que estabelecem com outra lacuna da sentença, esta sim legitimada por alguma operação gramatical. Sabe-se que o tipo de lacuna que é capaz de legitimar uma outra lacuna parasita é aquela que é fruto de movimento para uma posição A-barra. No caso, o fato de a sentença (3a) ser fundamentalmente possível mostra que deve existir um vazio na posição de objeto matriz, e este vazio deve ser fruto de movimento A-barra, já que a lacuna na posição de objeto encaixado é gramatical.

O *scrambling* do objeto para a esquerda do AdvMA em línguas que permitem esse tipo de movimento (como o holandês e o alemão) caracteriza-se por ser exatamente movimento para uma posição A-barra. Costa (1998) usa o contraste em (3) para provar a existência de *scrambling* em PE nas estruturas com a ordem [V Compl AdvMA]².

Também o conjunto de exemplos do PE em (4) abaixo é argumento para a hipótese do autor – os exemplos foram extraídos de Costa (1998: 161):

- (4)
- a. O Paulo acha sempre a Maria simpática.
 - b. *O Paulo acha a Maria simpática sempre.
 - c. O Paulo é sempre simpático.
 - d. *O Paulo é simpático sempre.
 - e. O Paulo está sempre simpático.
 - f. *O Paulo está simpático sempre.

Para Costa (1998) a não ocorrência de APs predicativos e de *Small Clauses* à esquerda do advérbio é uma evidência de que o movimento em jogo é de fato *scrambling*, pois esse tipo de movimento só ocorre quando o objeto é um DP, deixando, assim, o advérbio na posição final da sentença. Esse tipo de movimentação de complementos também ocorre com PPs em línguas como o holandês e o alemão, embora não ocorra em PE.

² O autor salienta que esse efeito é difícil de testar devido à existência confirmada de objetos nulos em PE; no entanto, pode-se diferenciar a construção de *parasitic gap* da de objeto nulo pelo fato de a primeira necessitar de um objeto animado e a última, de um objeto inanimado.

No entanto, mostrar que há *scrambling* do objeto em PE para a obtenção da ordem V-Objeto-AdvMA ainda não exclui a possibilidade de adjunção à direita para o advérbio. Tentando confirmar que o AdvMA deve ser adjungido à esquerda do VP, Costa (1998) faz uso da construção com um PP complemento. O autor afirma que a configuração [V Adv PP] somente poderia aparecer se o advérbio estivesse em uma posição de adjunção à esquerda do VP, pois o PP estaria *in situ*; a análise com o advérbio adjungido à direita o colocaria em posição final. No entanto, essa posição final é marcada, podendo ocorrer somente quando o AdvMA recebe um acento "pesado" (representado no exemplo pelo uso de negrito) ou é ramificado. Os exemplos relevantes estão em (5) abaixo:

- (5) a. João olhou bem pro retrato.
- b. ?? João olhou pro retrato bem.
- c. João olhou pro retrato **bem**.
- d. João olhou pro retrato muito bem.

Segundo Costa (1998), em posição final de sentença o AdvMA é desfavorecido; porém, isso só ocorre quando ele está só. Costa (1998) afirma que, quando o advérbio estiver em uma estrutura ramificada, como por exemplo na forma “muito bem” na frase em (5d) acima ou (6b) abaixo, sua posição no final da frase não será desfavorecida. Relembrando o problema que foi levantado por Cinque (1995) mencionado por Costa (1998: 102) sobre o peso fonológico do AdvMA, pode-se dizer que o que ocorre quando da ramificação é um aumento desse peso fonológico, autorizando o aparecimento do advérbio em posição final sem a necessidade de um acento pesado, mesmo quando o complemento é um PP, como em (7b) a seguir:

- (6) a. — Como é que o João fala inglês?
- b. — O João fala inglês muito bem.

- (7) a. — Como é que o João olhou para o retrato?
- b. — O João olhou pro retrato muito bem.

Costa (1998) consegue mostrar, assim, que o AdvMA só pode ser adjungido à esquerda do VP e que a configuração [V Compl Adv] é obtida através de *scrambling* do

objeto para fora do VP. Se este não for o caso, o AdvMA só poderá figurar na posição final da sentença se portar alguma marcação prosódica mais pesada ou se for ramificado.

1.2 O TRATAMENTO DE MENUZZI & MIOTO (2006)

Menuzzi & Miotto (2006) entendem que não é necessário este conjunto de asserções para a análise da posição dos AdvMA, pois assumindo a teoria tradicional de adjunção ao VP, que permite tanto a posição à direita quanto a posição à esquerda para o advérbio, naturalmente se obtém para ele a posição final, sem qualquer movimentação adicional do objeto. Para estes autores Menuzzi e Miotto (2006: 224),

[...] não há razão para assumir que, em PB, os advérbios monossilábicos sejam necessariamente ‘focalizados’ em posição final, nem que a estrutura resultante seja ‘informacionalmente marcada’. Em nossa análise, a restrição que atua ocasionalmente nestes casos é de natureza puramente prosódica, e não requer que a posição final para advérbios monossilábicos seja sintática ou informacionalmente ‘marcada’ .

Para Menuzzi & Miotto (2006) não está correto afirmar que o AdvMA aparece em posição final somente quando recebe, por exemplo, o acento de foco da sentença; segundo estes autores, em PB esses advérbios podem estar localizados após o complemento, figurando portanto em posição final, sem acento especial, quando o sujeito é foco em uma sentença encaixada, como nos exemplos abaixo, extraídos de Menuzzi & Miotto (2006: 224):

- (8) A: — Você sabe de alguém que fale francês?
B. i: — Já ouvi dizer que a MARIA fala francês bem.
ii: — ? Já ouvi dizer que a MARIA fala bem francês.

Para Menuzzi & Miotto (2006) também é possível que estes advérbios figurem na posição final da sentença, como no exemplo (1b), mesmo quando o foco está sendo direcionado para o complemento.

Menuzzi & Miotto (2006) também afirmam que em PB não é necessário argumentar pela existência de *scrambling* do objeto para explicar a posição final do

advérbio; os autores utilizam-se dos mesmos argumentos apresentados por Costa (1998) quando defende a existência desse movimento em PE. Vejamos os fatos do PB:

- (9) *Parasitic Gaps* em PB (exemplos tomados de Menuzzi & Miotto, 2006: 221)
- a. *O Paulo conhece a Maria bem mesmo sem nunca ter visto ___.
 - b. O Paulo conhece bem a Maria mesmo sem nunca ter visto ___.
 - c. Que pessoa o Paulo conheceu bem sem nunca ter encontrado ___?

Para Costa (1998), um argumento em defesa do *scrambling* do objeto em PE é o fato de esse movimento licenciar *parasitic gaps* nessa língua, como vimos em (3); Menuzzi & Miotto (2006) utilizam os exemplos (9a) e (9b) acima para afirmar que este não é o caso no PB, dado que os juízos de gramaticalidade em PB são exatamente o inverso do que se obtém em PE. Observe que, como mostra (9c), o fenômeno de *parasitic gaps* existe em PB quando está em jogo o movimento *wh-*, por exemplo.

Outro argumento utilizado por Costa (1998) em defesa do *scrambling* do objeto e, nesse caso, adjunção à esquerda do AdvMA em PE é a não ocorrência desse tipo de movimento quando o complemento é um AP ou uma *Small Clause*. Mas novamente o PB tem um comportamento diferente, mostrando que não há restrições à ocorrência de APs predicativos e *Small Clauses* à esquerda do advérbio – exemplos tomados de Menuzzi & Miotto (2006: 221):

- (10)
- a. O Paulo acha sempre a Maria simpática.
 - b. O Paulo acha a Maria simpática sempre.
 - c. O Paulo é sempre simpático.
 - d. O Paulo é simpático sempre.

Menuzzi & Miotto (2006) observam que o PB não só não impõe qualquer restrição de configuração sintática nestes exemplos, mas também não impõe qualquer restrição prosódica, permitindo, então, que o advérbio figure em posição final sem necessidade de receber acento pesado. Fazemos aqui notar, contudo, que estes não são exemplos de advérbios monossílabos átonos.

Adotando uma posição que confere maior autonomia da prosódia frente à sintaxe, Menuzzi & Miotto (2006) assumem que a posição final do AdvMA pode ser derivada sem problemas desde que a organização dos sintagmas fonológicos seja tal que

o advérbio se ligue a algum sintagma fonológico já existente, como, por exemplo, “fala francês” em (1b). Para esses autores, o que dificulta o aparecimento do AdvMA em posição final é sua falta de peso fonológico (medido em termos de número de sílabas) para figurar como um sintagma fonológico independente.

Menuzzi & Mioto (2006) adotam com ligeiras modificações o modelo de Nespor & Vogel (1986) para as regras de formação do sintagma fonológico. O resultado que os autores querem alcançar é que, para uma sentença como (1b), por exemplo, as regras de formação de sintagmas prosódicos forneçam primeiramente a seguinte configuração – os acentos agudos indicam presença de acento lexical:

(11) (O Mário) (fála) (francés) (bém)

Pela regra de reestruturação de sintagmas fonológicos, “fala” e “francês” podem se reestruturar, formando um único grupo fonológico, como em (12):

(12) (O Mário) (fàla francês) (bém)

A regra de complexidade rítmica mínima assumida pelos autores não permite que o advérbio monossilábico forme sozinho um sintagma fonológico, forçando a ocorrência de uma nova reestruturação como a que aparece em (13):

(13) (O Mário) (fàla ingles bém)

Esta é a configuração perfeita para a ocorrência de um AdvMA em final de sentença.

Menuzzi & Mioto (2006) concluem assim que não é necessário assumir que haja *scrambling* do objeto e adjunção à esquerda do VP para explicar a posição final dos AdvMA em PB. Segundo os autores, pode ser que seja necessário assumir, numa dada língua, a existência de *scrambling* do objeto ou a impossibilidade de adjunção de certos elementos à direita na sentença, mas nem a teoria de Cinque (1993) nem o comportamento dos AdvMA justificam estas asserções.

2. A CONTRIBUIÇÃO DA FONÉTICA ACÚSTICA E DA FONOLOGIA ENTOACIONAL

A este ponto é razoável se perguntar que contribuição a fonética acústica e a fonologia entoacional podem dar a esse debate. A questão é pertinente porque até aqui a discussão gira em torno da distribuição de acento sentencial, mas a fonologia entoacional fala dos movimentos no contorno de *pitch*, que é o correlato perceptual da frequência fundamental (f_0). Como essas coisas se relacionam?

Para poder sugerir uma resposta a esta questão, vamos começar estabelecendo um vocabulário comum: no presente trabalho adotaremos a mesma nomenclatura para a atribuição de eventos tonais que a adotada por Ladd (1996) e por Tenani (2002) para descrição do PB, segundo a qual ao aumento de f_0 é atribuído um tom ascendente **H** (*high*) e, à queda, um tom descendente **L** (*low*). Os autores citados consideram igualmente a existência de eventos complexos, que são os casos em que ocorre no interior da mesma sílaba uma queda brusca de um tom alto para um baixo (que aparece descrito como um evento **HL**) ou uma subida brusca de um tom baixo para um tom alto (descrito então como um evento tonal **LH**). A posição do acento lexical é sempre marcada como um asterisco. Para tons de fronteira direita, os autores assumem que ao abaixamento típico das sentenças declarativas deve ser atribuído o evento **Li**; ao evento de subida do *pitch*, típico das interrogativas globais, será atribuído um evento tonal **Hi**.

Aqui, não vamos nos preocupar com os eventos tonais de fronteira, que serão sempre Li, dado que todas as sentenças são declarativas. Também não lançaremos mão dos eventos complexos em nossa descrição; vamos nos limitar a identificar visualmente se o tom H está alinhado com o começo ou com o final da sílaba em que ele aparece. Embora este não seja o meio mais preciso de descrever todos os fenômenos entoacionais presentes no enunciado, ele é suficiente para fazer notar os elementos que nos interessam mais especificamente aqui.

Vamos igualmente adotar a descrição dos fatos proposta por Moraes (1998) para o PB, assumindo que o *pitch* é o principal correlato do acento; no entanto, o contorno de *pitch* da sentença determina numa larga medida a sua modalidade e, assim, em certas partes da sentença o acento de *pitch* não pode ser espelho do acento lexical, caso em que outros correlatos físicos, como a duração e a intensidade, são usados pelos falantes para determinar qual elemento da sentença possui maior proeminência.

Com respeito especificamente ao problema do acento sentencial, foco da discussão de Costa (1998) e Menuzzi & Miotto (2006), apenas a análise do contorno de

pitch não fornecerá valores absolutos indicando claramente sua posição, posto que todas as sentenças são declarativas tendem a exibir um padrão entoacional característico das declarativas (neutras), que é o descendente simples (cf. Tenani 2002). Assim, não é possível interpretar o valor mais alto do *pitch* como a expressão do acento sentencial.

No entanto, há certos fenômenos ligados à entoação que podem ser reveladores da estrutura fonológica considerada, por exemplo, pela regra de distribuição de acento. Um deles é o fenômeno conhecido na literatura como "mudança de tessitura" (Tenani 2002) ou "invisibilidade métrica" (Zubizarreta 1998). Em termos puramente descritivos, trata-se da realização de uma parte do enunciado em uma faixa de frequência distinta, normalmente mais baixa, que a do resto da sentença, como se vê na Figura 1 abaixo:

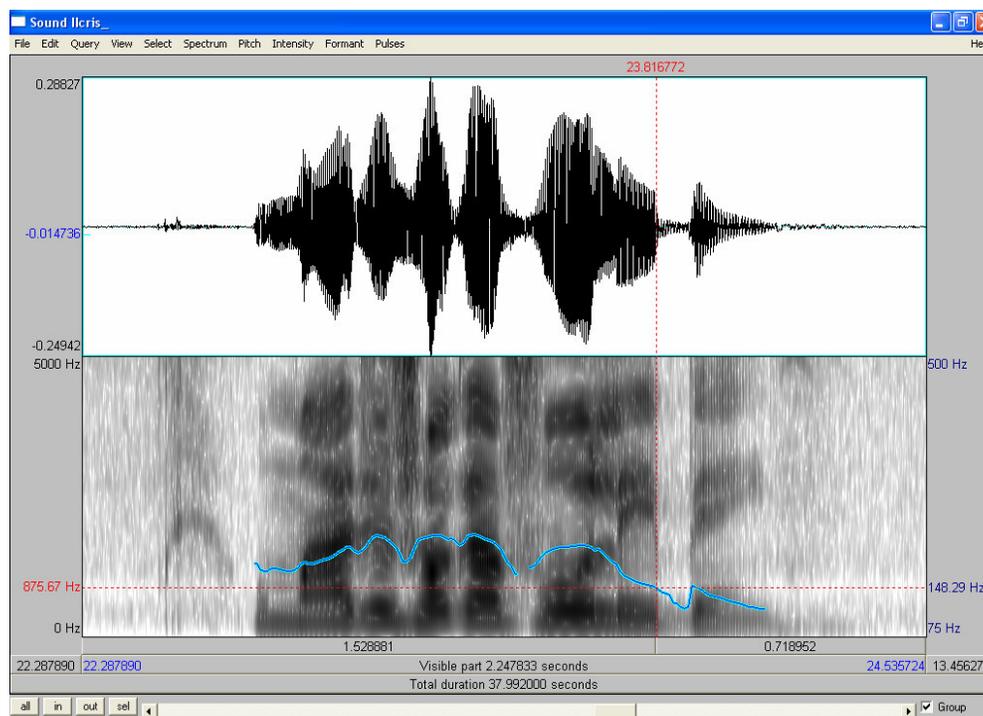


Figura 1: “O Mário joga vôlei *bem*” com mudança de tessitura em *bem*

Na Figura 1 observa-se que uma parte do enunciado, a parte final que corresponde ao AdvMA, é realizada numa faixa de frequência inferior a 150 Hz, enquanto a outra parte da sentença é realizada numa faixa de frequência sempre superior a este valor. Este tipo de indício será crucial para a análise das produções com o AdvMA em posição final.

Uma ressalva final deve ser feita: não defenderemos nenhuma maneira específica de conceber a relação entre a fonologia, a sintaxe e o discurso, porque os

experimentos e a perspectiva teórica que estamos adotando aqui simplifica de maneira cabal a complexidade que efetivamente suspeitamos que encerra esta relação; assim, os resultados obtidos aqui serão apenas indicativos do que pode ser a realidade. Se a indicação for suficientemente precisa, o esforço não terá sido vão.

3. O EXPERIMENTO

Com o objetivo de construir algum tipo de base empírica que possa apontar para a adequação maior de uma das duas posições teóricas discutidas na seção 1, idealizamos um experimento em que foram gravadas 7 informantes do sexo feminino de grau universitário, falantes nativas do PB, com idade entre 20 e 50 anos. Os enunciados foram gravados diretamente no computador, que possui a placa de som *Creative Lab 7.2*, e foram analisados com a ajuda do programa Praat e de seu *script* Momel-Intsint. Este *script* fornece uma síntese composta por uma linha contínua (uma interpolação quadrática, que tem como efeito eliminar as interrupções que os segmentos desvozeados normalmente imprimem nos contornos de *pitch*), com certos pontos marcados, considerados importantes pelo sintetizador para a definição daquele contorno. Um exemplo da atuação deste *script* pode ser visto na Figura 2 abaixo, que sintetiza a mesma sentença que aparece na Figura 1:

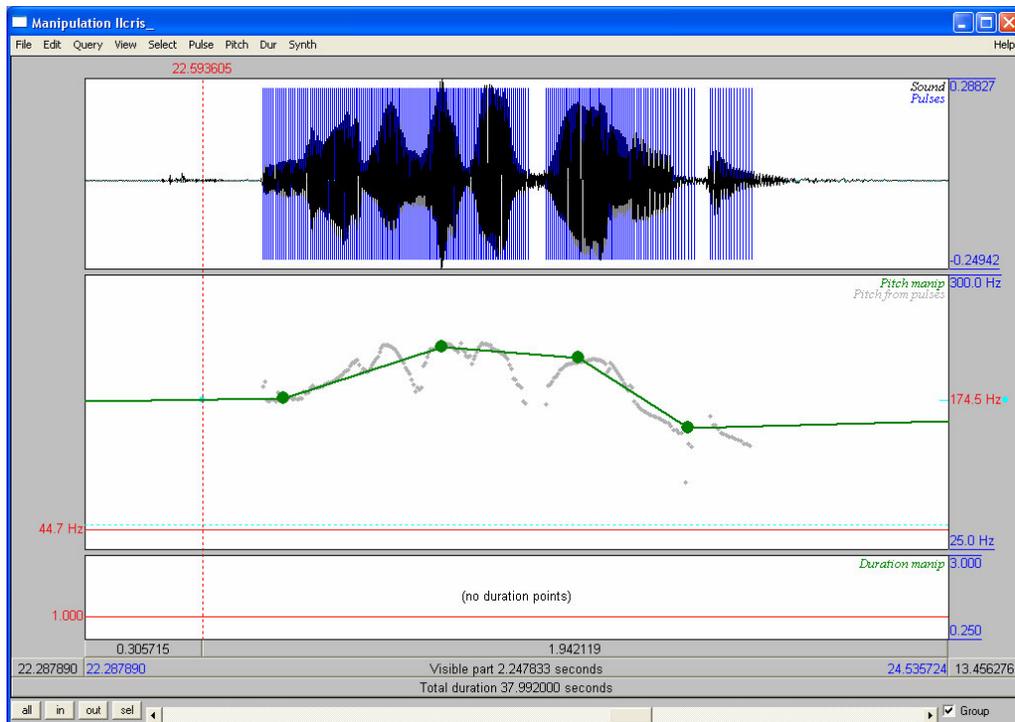


Figura 2: Síntese da sentença “O Mário joga vôlei *bem*” com mudança de tessitura em *bem*

O experimento foi dividido em duas partes. A primeira parte, de leitura, é constituída por 8 perguntas que fornecem o contexto para as duas respostas possíveis para cada pergunta; cada uma das respostas exibe uma ordem, [V Adv Complemento] e [V Complemento Adv], estando o acento frasal localizado ora sobre o complemento, ora sobre o AdvMA. A gravação do experimento foi feita apresentando todo o material em uma folha impressa e pedindo para que a informante fizesse a leitura mental das perguntas contexto de (1) à (6) e que lesse em voz alta as respostas. As informantes foram ainda instruídas para lerem as respostas da maneira mais adequada tendo em vista aquela pergunta como contexto. Seguem-se exemplos desta parte do experimento:

- (14) — Como é que o Mário fala francês?
- a. — O Mário fala francês bem.
 - b. — O Mário fala bem francês.
- (15) — Que língua o Mário fala bem?
- a. — O Mário fala bem francês.
 - b. — O Mário fala francês bem.

Além dessas sentenças com foco ou no adjunto ou no complemento, há também no *corpus* perguntas que portam sobre o sujeito ou que portam sobre o sujeito e ainda estabelecem foco contrastivo no complemento, como mostra (16) abaixo:

- (16) — Tem alguém aqui que fale bem alemão?
a. — Não, mas o Mário fala bem francês.
b. — Não, mas o Mário fala francês bem.

O experimento foi desenhado desta forma a fim de impedir que as informantes produzissem sentenças incompletas, já que a tendência normal da fala espontânea seria o apagamento da informação que está presente anteriormente no discurso, como no exemplo abaixo:

- (17) — Como é que o João fala francês?
a. — Fala bem!
b. — Bem!

A segunda parte do experimento consiste em apresentar em papel impresso uma estória criando um contexto para as entrevistadas produzirem a resposta da maneira como falariam normalmente, deixando para elas a escolha entre a configuração [V Adv Complemento] ou a configuração [V Complemento Adv]. No entanto, com o intuito de evitar a produção de respostas incompletas, já impresso está o início da resposta que deveria ser produzida, isto é, o sujeito e o verbo conjugado; as falantes, assim, deveriam apenas completar com a ordem Compl/Adv ou Adv/Compl, conforme sua escolha. Dois exemplos dessa parte do experimento podem ser vistas em (18) e (19) abaixo:

- (18) Durante uma aula um professor entra na sala e pergunta: “Tem alguém aqui que fale francês ou alemão bem?”. Sabendo que o Mário morou na França, você responde:

R: O Mário fala... [aqui as falantes deveriam completar com a sua escolha]

- (19) Durante uma aula um professor entra na sala e pergunta: “Como é que o Mário joga vôlei?”. Sabendo que o Mário treinava vôlei você responde:

R: O Mário joga... [aqui as falantes deveriam completar com a sua escolha]

Este formato de experimento foi idealizado por Veppo (2006) e já foi utilizado também por Araújo (2006), com bons resultados, razão pela qual foi reutilizado aqui. Depois de feitas as gravações, computou-se um total de 154 produções, 22 de cada informante. Para a discussão que nos concerne diretamente, no entanto, apenas a segunda parte do experimento será analisada, isto é, as sentenças produzidas de maneira semi-espontânea, o que nos totaliza 42 dados.

4. ALGUNS RESULTADOS E ALGUMAS CONCLUSÕES

Ainda que a quantidade de dados de que dispomos não seja suficiente para conclusões definitivas, a análise qualitativa deste tipo de produção semi-espontânea pode ser reveladora de certas opções que os falantes do PB fazem quando da expressão de foco informacional sobre algum constituinte da sentença.

Vamos examinar os resultados advindos das diferentes situações nas diversas tabelas que se seguem. Começamos pelo exame de respostas que introduzem o advérbio e apresentam dois valores possíveis para o objeto, mas têm foco informacional sobre o sujeito. O *corpus* continha duas situações distintas. Os resultados estão apresentados em quatro tabelas, porque para cada uma das situações se atestam tanto a ordem advMA-compl quanto a ordem compl-advMA. Vejamos a primeira situação:

	O Má-	rio	fa-	- la	bem	fran-	-cês
F1ka			H			H	
F7cr		H			HL	H	

Tabela 1a: Resposta a "tem alguém aqui que fale francês ou alemão bem?"

	O Má-	rio	fa-	- la	fran-	-cês	bem
F2he			H		H		
F3fe		H			H	H	
F4iz						H	<i>Low</i>
F5mi		H			H		<i>Low</i>
F6na		H			H		HL

Tabela 1b: Resposta a "tem alguém aqui que fale francês ou alemão bem?"

O que estas tabelas parecem mostrar é que, para responder a uma questão sobre o sujeito, é possível usar tanto a ordem compl-AdvMA (escolha feita por 2 informantes) quanto a ordem AdvMA-compl (a escolha de 5 informantes), esta última sendo a preferida pelo menos quando a pergunta apresenta a ordem AdvMA-compl. Será este um efeito determinado pela ordem da pergunta? Vejamos os resultados das tabelas 2a e 2b abaixo:

	O Má-	rio	jo-	-ga	bem	vô-	-lei
F1ka	H					H	
F7cr		H					

Tabela 2a: Resposta a "tem alguém aqui que jogue bem futebol ou vôlei?"

	O Má-	rio	jo-	-ga	vô-	-lei	bem
F2he			H		H		<i>Low</i>
F3fe		H!				H	
F4iz						H	
F5mi		H				H	
F6na		H				H	<i>Low</i>

Tabela 2b: Resposta a "tem alguém aqui que jogue bem futebol ou vôlei?"

É possível afirmar, com base nas Tabelas 2a e 2b, que a presença do advérbio em posição final na resposta não é simplesmente um efeito de sua posição final na pergunta, já que também quando o advérbio ocupa uma posição medial na questão as respostas podem escolher – e preferencialmente escolhem – a posição final para o advérbio. A tirar por este pequeno conjunto de informantes, trata-se de uma opção pessoal, dado que são as mesmas duas informantes que escolhem a ordem advMA-compl nos dois eventos.

Mas o que é realmente notável aqui é o fato de haver cinco entre sete informantes que escolhem a ordem compl-advMA neste tipo de contexto, o que sugere fortemente que Menuzzi & Miotto (2006) têm razão quando afirmam que o advérbio pode aparecer em posição final mesmo quando não é ele o foco da sentença – aliás, no contexto dado, o advMA é o único elemento absolutamente dado no contexto da pergunta. No entanto, é também digno de nota o fato de que 4 em 10 dessas ocorrências

apresentam o advérbio numa tessitura mais baixa que a do resto da elocução. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Observemos agora o que ocorre quando as informantes podem escolher a ordem e a entoação para sentenças que devem veicular foco informacional sobre o objeto. Os resultados aqui são muito interessantes: o advérbio aparece na posição final em 8 das 14 possibilidades, mas em 5 dessas 8 ocorrências há mudança de tessitura sobre ele.

	O Má-	rio	fa-	- la	bem	fran-	-cês
F1ka			H				H
F2he			H			H	
F5mi		H					H
F6na		H				H	

Tabela 3a: Resposta a "que língua que o Mário fala bem?"

	O Má-	rio	fa-	- la	fran-	-cês	bem
F3fe						H	<i>Low</i>
F4iz						H	<i>Low</i>
F7cr			H		H		

Tabela 3b: Resposta a "que língua que o Mário fala bem?"

	O Má-	rio	jo-	-ga	bem	vô-	-lei
F2he			H			H	
F5mi		H			H	<i>Low?</i>	<i>Low?</i>

Tabela 4a: Resposta a "que tipo de jogo que o Mário joga bem?"

	O Má-	rio	jo-	-ga	vô-	-lei	bem
F1ka		H					H
F3fe					H		<i>Low</i>
F4iz							H
F6na		H				H	<i>Low</i>
F7cr			H		H		<i>Low</i>

Tabela 4b: Resposta a "que tipo de jogo que o Mário joga bem?"

Observa-se aqui alguma diferença na escolha da posição final do advMA, aparentemente privilegiada pelas estruturas com “joga vôlei” mas não tanto pelas estruturas “fala francês”. Voltaremos a esta questão mais a frente.

Finalmente, vejamos o que ocorre quando o foco informacional recai sobre o advérbio:

	O Má-	rio	fa-	- la	bem	fran-	-cês
F1ka			H			H	
F4iz					H	<i>Low?</i>	<i>Low?</i>
F5mi			H			H	

Tabela 5a: Resposta a "como é que o Mário fala francês?"

	O Má-	rio	fa-	- la	fran-	-cês	bem
F2he					H	H	
F3fe		H				H	
F6na		H				H	<i>Low</i>
F7cr		H!				H	<i>Low</i>

Tabela 5b: Resposta a "como é que o Mário fala francês?"

	O Má-	rio	jo-	-ga	bem	vô-	-lei
F4iz				H!	H	<i>low</i>	<i>low</i>
F5mi		H			H	<i>low</i>	<i>low</i>

Tabela 6a: Resposta a "como é que o Mário joga vôlei?"

	O Má-	rio	jo-	-ga	vô-	-lei	bem
F1ka		H				H	
F2he			H				H
F3fe		H				H	
F6na		H				H	<i>Low</i>
F7cr				H		H	<i>Low</i>

Tabela 6b: Resposta a "como é que o Mário joga vôlei?"

O que se observa aqui é a predominância das estruturas com o AdvMA em posição final: em 9 das 16 possibilidades, é a ordem compl-AdvMA a ordem escolhida;

mas em 4 dessas 9 ocorrências de AdvMA em posição final, há mudança de tessitura sobre o advérbio, o que, em teorias como a de Zubizarreta (1998) indica que houve desacentuação neste ponto do enunciado, uma conclusão bastante surpreendente pelo que diz a literatura na área.

Independentemente de como seria adequado interpretar especificamente estes últimos resultados, uma conclusão salta imediatamente aos olhos quando observamos os resultados advindos de toda esta parte do experimento: a ordem V-Compl-AdvMA é majoritária, sendo escolhida em 27 das 42 possibilidades de ocorrência.

É certo que há uma tendência geral de escolha que se conforma *grosso modo* com o que prevê Costa (1998): o advMA aparece com alguma frequência em posição final quando a sentença é resposta para uma pergunta exatamente sobre ele, e mesmo sua presença em posição final também seja ligeiramente majoritária quando em respostas para questões sobre o objeto, temos aqui também na maior parte das ocorrências a mudança de tessitura sobre o advérbio, o que pode ser indicativo do fato de que ele não faz parte da sentença para a qual o acento sentencial está sendo atribuído.

Mais surpreendente é a escolha por esta posição para o advérbio quando ele é a rigor o único elemento efetivamente dado no contexto da pergunta, como é o caso das elocuições com foco informacional sobre o sujeito. Aqui, ainda que haja também alguns casos de mudança de tessitura sobre o advérbio, o fato geral é pouco compreensível para uma análise como a de Costa (1998). Adicionalmente, o fato mesmo de haver predominância na escolha da posição final para o advMA lança dúvidas profundas sobre a adequação da descrição proposta por Costa (1998) para os fatos do português brasileiro.

Podemos nos perguntar agora se estes fatos favorecem então a análise de Menuzzi & Miotto (2006). A resposta aparentemente é sim, já que estes autores a rigor não fazem nenhum tipo de previsão sobre marcação de estruturas e, portanto, sobre a preferência dos falantes por alguma ordem de palavras especial neste ou naquele contexto.

No entanto, há uma sugestão por trás da proposta de Menuzzi & Miotto (2006) de que a adequação de uma certa estrutura sintática aos requisitos rítmicos da língua poderiam favorecer uma ou outra estrutura. Mas chamar a responsabilidade da escolha para a estrutura rítmica também não parece ser inteiramente adequado: ainda que o ritmo inclua muitos outros fatores além da alternância entre sílabas fortes (s) e sílabas

fracas (w), olhando estritamente esta alternância as sentenças em (20) abaixo deveriam ser privilegiadas na escolha dos falantes:

- (20) a. O Mário joga vôlei bem
b. O Mário fala bem francês

É certo que (20a) é a estrutura preferida em 15 das 21 ocorrências possíveis, mas (20b) aparece apenas 9 vezes nas 21 ocorrências possíveis. Assim, não se observa preferência decisiva por estas estruturas frente às suas concorrentes, com estrutura rítmica menos regular. O que se observa é uma preferência marcada pela estrutura com o AdvMA em posição final, mesmo quando não é esta a estrutura rítmica mais natural. Apenas quando, além de ser a estrutura rítmica mais natural, o advérbio aparece em posição final, a estrutura é claramente preferida.

Se as observações que fizemos aqui estão corretas – o que ainda deve ser confirmado com mais experimentos do mesmo estilo –, não é prematuro concluir que a melhor análise para estas estruturas deve incluir certos pontos da análise de Costa (1998) – talvez numa versão um pouco às avessas – e certos pontos da análise de Menuzzi & Miotto (2006). Finalmente, cumpre observar que seria necessário agora tentar um experimento de percepção, isto é, apresentar sentenças com as diferentes melodias para os informantes e pedir para que eles selecionem aquela(s) que lhe parece(m) adequada(s) como resposta a uma certa pergunta dada. Esta é sem dúvida a próxima etapa do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Flávio Martins de. Ordem das palavras e os advérbios ditos monossilábicos átonos. Relatório Final da Bolsa IC/CNPq 2005-2006. Florianópolis: UFSC, 2006.
2. CINQUE, Guillermo. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, n. 24, 1993.
3. COSTA, João. *Word order variation – A constraint-based approach*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1998.

4. LADD, Robert. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
5. MENUZZI, Sérgio; MIOTO, Carlos. Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006.
6. MORAES, João. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, David; Albert DI CRISTO (org.) *Intonation System: a Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
7. TENANI, Luciani Ester. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para prosódia e para aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.
8. VEPPPO, Gabriel. Ordem das palavras: advérbios monossilábicos e a interface sintaxe/prosódia. Relatório Final da Bolsa IC/CNPq 2004-2005. Florianópolis: UFSC, 2006.
9. ZUBIZARRETA, Maria Luiza. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

RESUMO: O presente trabalho trata da interface sintaxe-prosódia, examinando o comportamento dos advérbios monossilábicos átonos em diferentes construções: quando o complemento é foco informacional da sentença ou quando o foco informacional recai sobre o adjunto (que é o advérbio). A estas duas realidades discursivas, é possível em princípio que correspondam duas realidades sintático-prosódicas: uma mudança na ordem destes elementos na sentença, de modo que o elemento que é foco ocupe a posição final da frase; ou uma mudança na entoação da sentença, de modo que o acento se distribua diferentemente, enquanto a sintaxe permanece idêntica:

- (1) a. (— *Que língua o João fala bem?*)
 — O João fala bem inglês.
 — O João fala inglês bem.
- b. (— *Como que o João fala inglês?*)
 — O João fala inglês bem.
 — O João fala bem inglês

Na literatura se encontram diferentes análises para este fenômeno: uma delas entende que a distribuição desses advérbios justifica uma relação mais íntima entre sintaxe e prosódia (como advoga Costa 1998), de modo que a manutenção do foco em posição de acento força o movimento sintático dos elementos; uma outra análise, ao contrário, defende uma maior autonomia da prosódia frente à sintaxe (como em Menuzzi & Mioto 2006). O presente estudo procura evidências experimentais (especificamente no exame da curva de *pitch*) que possam decidir entre uma análise ou outra.

PALAVRAS-CHAVE: advérbios monossilábicos átonos; prosódia; sintaxe.

ABSTRACT: This paper deals with the syntax-prosody interface, by examining the behavior of unstressed monosyllabic adverbs in two different constructions, namely: those in which the complement is the informational focus of the sentence; and those in which the informational focus is on the adjunct (which is the adverb). Both choices of informational focus may be matched to two syntactic-prosodic structures: a changed sentence word order so that the focused element is placed on final position; or a changed intonation pattern, so that the accent is distributed differently while the syntax remains the same:

- (1) a. (— *Que língua o Mário fala bem?*)
/Which language does Mario speak well?/
— O Mário fala bem francês.
/Mario speaks well French/
— O Mário fala francês bem.
/Mario speaks French well/
- b. (— *Como que o Mário fala francês?*)
/How does Mario speak French?/
— O Mário fala francês bem.
/Mario speaks French well/
— O Mário fala bem francês.
/Mario speaks well French/

Different approaches to this phenomenon can be found in the literature: one of them advocates that the distribution of these adverbs justifies arguing for a closer relation between syntax and prosody (as in Costa, 1998), since the syntactic movement of constituents is constrained by the necessity of maintaining the focalized element in the canonical position of sentence stress. Another hypothesis, on the contrary, proposes greater autonomy between the prosodic and the syntactic components (as in Menuzzi & Mioto 2006). The present study seeks further experimental evidence on the matter (specifically examining the *pitch* contours) in order to guide a decision on choice of approach.

KEYWORDS: monosyllabic adverbs; prosody; syntax.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 11 de fevereiro de 2008.